

## Ensaio sobre a cegueira

Andreza de Souza Rocha

José de Sousa Saramago (1922 - 2010) nasceu na aldeia de Azinhaga, concelho de Golegã, no dia 16 de Novembro. É um escritor, roteirista, jornalista, dramaturgo e poeta português premiado com o Nobel da Literatura em 1988. Também ganhou o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa.

Saramago é conhecido por utilizar frases e períodos longos, usando a pontuação de uma maneira não convencional. Os diálogos das personagens são inseridos nos próprios parágrafos que os antecedem, de forma que não existem travessões nos seus livros, são entre vírgulas, e este tipo de marcação das falas propicia uma forte sensação de fluxo de consciência, a ponto de o leitor chegar a confundir se um certo diálogo foi real ou apenas um pensamento, e forçam o leitor a um verdadeiro mergulho em suas ideias, porque é difícil parar no meio da ideia do autor. Apesar disso, o seu estilo não torna a leitura mais difícil, os seus leitores habituem-se facilmente ao seu ritmo próprio.

De característica onisciente, a obra se inicia com um homem que no semáforo fica cego, em meio a buzinas, sai do carro desesperado afirmando estar cego, mas com uma cegueira branca, como se fosse um mar de leite. “Ninguém o diria. Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana. As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobrelhas de repente revoltas, tudo isso qualquer o pode verificar, é que se descompôs pela angústia” (pag. 12). E a partir disso essa doença se alastra, primeiramente, para o médico que o atende, depois para sua secretária e assim por diante, até chamar a atenção das autoridades que tomam uma providência: manter as pessoas infectadas em quarentena, a fim de evitar o contágio para o resto da população, sem que procurassem realmente uma cura para o mal, escolhendo o caminho mais fácil: isolar as pessoas para que talvez, quando tiverem tempo, achem a cura. Como muitos filósofos já disseram: a minoria quando traz uma ideia contrária da massa é exterminada ou isolada.

Dessa forma, os confinados passam a receber, ainda que escassamente, bens de primeira necessidade. O número de pessoas cegas crescia e a quantidade de comida, diminuía. Assim as pessoas se encontravam numa situação delicada: cegos, famintos, sujeitos. E como estavam isolados do mundo, não possuíam as mesmas leis dos homens livres e, por isso, durante o livro há uma revelação aos poucos dos instintos primitivos do ser humano, ou seja, o ser a priori, na sua essência. Como por exemplo, ocorre a predominância de um grupo que formula novas regras sobre a distribuição da comida

e uma forma de pagamento. Mesmo criando uma revolta dentro do grupo, as pessoas aceitam os termos impostos por aquele pequeno grupo. Dentro de todo o caos, e a cegueira se espalhando rapidamente, o governo já não tem mais soluções para o caso que toma conta de todo o mundo em questão de alguns dias. Desta forma, tudo para de funcionar: não há mais energia elétrica, nem água nos encanamentos, muito menos o fornecimento de comida, demonstrando a essencialidade de uma ação coletiva para o fornecimento de uma vida, além de regradada, fácil de obter as coisas, sem se perguntarem de onde vem a mordomia de poder assistir televisão, ou tomar banho com o único esforço de ligar uma torneira.

Somente uma mulher, que desde o início se propõe a ir para a quarentena, com o propósito de cuidar do marido, consegue ver e não é atingida pelo mar de leite. Pois foi a única sem um comportamento egoísta, o autor ressalta ainda que “nem a arte nem a literatura têm de nos dar lições de moral. Somos nós que temos de nos salvar, e isso só é possível com uma postura de cidadania ética, ainda que isto possa soar antigo e anacrônico”. E a solidariedade da mulher do médico estende-se, ainda, àqueles de convívio mais estrito, sendo verdadeiro anjo de guarda dos que dividem com ela na enfermaria do hospício abandonado, em que são confinados os primeiros a contrair o mal.

As personagens nesse livro são diferenciadas não por nomes, mas por características singulares, como por exemplo: o primeiro cego, o médico, a mulher do médico, o menino estrábico e assim por diante. E a divisão do livro se dá por capítulos, porém sem títulos, havendo uma continuidade de um capítulo para o outro como se fosse de uma página para a outra sem mencionar uma pausa grande.

Nesta obra, Saramago procura enfatizar a reação dos homens com relação às necessidades, as incapacidades, ao desprezo e ao abandono, numa sociedade em que não há mais leis. Segundo essas características, o autor faz uma crítica aos valores sociais vigente, mostrando-os frágeis, em que as pessoas olham, mas não veem. É uma fase em que estudava a fundo a sociedade contemporânea, questionando a sociedade capitalista e o papel da existência humana destinada a morte. Leva-nos a refletir sobre a moral, os costumes, a ética e o preconceito, pois dentro de uma sociedade regada por normas impostas para manter a ordem e com a existência de pessoas que mantenham a eficácia dessas normas, ainda não é fácil, mas com certeza mais fácil de manter a ordem quando todos os valores dos homens que acreditavam existir, já não existem mais, levando-os a uma descrença e ao caos. Como diria Friedrich Nietzsche “se Deus está morto, então tudo posso”.

Como Saramago faz questão de deixar claro: “Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso”.

O livro requer o raciocínio de quem o lê em relação à sociedade. Que sociedade é essa em que o único bem visado não é outro, senão o seu próprio bem? Podemos chamar de sociedade? Este nome não se refere a um grupo de pessoas, que além da mesma cultura compartilham os mesmos interesses, propósitos, gostos, preocupações? Que trabalham juntos a fim de chegarem ao mesmo fim, com uma complexa organização? Mas até mesmo a Sociologia, que é o estudo da sociedade, não sabe explicar plenamente esse significado, dando diversas diretrizes sobre o comportamento humano, que só há uma união se tiverem o mesmo propósito. Então poderíamos concordar com Hobbes: “O homem é o lobo do próprio homem”?

Podemos notar que o livro nos remete a um lugar onde não há mais essa sociedade repleta de normas obrigatórias. Os donos das leis são quem tem poder ou, no caso do livro, uma arma ou a visão. Mostrando que não há uma preocupação para com o próximo senão consigo mesmo, que no instinto do ser humano, a maioria visa à própria sobrevivência e que, se for necessário, pessoas morrerem para garantir a sua vida, você o mataria, sem pensar duas vezes.

Dentro de toda essa analogia, há a personagem principal, a mulher do médico que, como dito anteriormente, foi a única a não perder a visão por ser caridosa para com o próximo desde o início. Talvez essa mulher represente a esperança que o autor vê dentro de uma sociedade, mesmo sendo uma dentre milhares de pessoas. Que ainda existem pessoas que não olham para o seu próprio umbigo em situações extremas. Quais os valores de uma visão em um mundo de cegos? Sei que essa foi um pergunta que a esposa do médico se fez inúmeras vezes durante o livro, em muitos momentos creio que ela gostaria de ser cega ao invés de ter visto tudo o que viu, presenciado toda a maldade que o ser humano é capaz de fazer e toda a hipocrisia que move a alma das pessoas.

Em suma o livro nos faz pensar sobre a responsabilidade de ter olhos quando os outros já perderam, não somente das coisas materiais, como também da alma. Saramago tinha o objetivo de fazer as pessoas pararem para pensar no tipo de sociedade em que vivemos: egoísta, mesquinha, individualista. E que dessa forma, somos cegos sim, para poder ver além do que os nossos olhos podem alcançar, ou seja, em relação à preocupação com o próximo, à caridade e aos atos menos egoístas das pessoas.